



COLÓQUIO

Opressões, Existências e Resistências

3 de dezembro de 2019 | 9h às 18h

Auditório Alfredo Bosi (IEA/USP)
Endereço: R. da Praça do Relógio, 109
Butantã, São Paulo - SP - CEP 05508-050



9h: ABERTURA - PROF. DENNIS DE OLIVEIRA

MESA 1 – OPRESSÕES

9h15	Arthur Ferreira Sampaio Luz	Discurso de Ódio e Internet: Considerações a partir de uma análise comparativa entre interações no Youtube e Instagram
9h30	Denis De Paula Carvalho Martins	Necropolítica, racismo e desigualdade territorial no distrito do Jardim Ângela
9h45	Céres Marisa Silva dos Santos	Quando a mídia hegemônica é quem define nossos lugares de fala
10h00	Tatiana Cavalcante de Oliveira Botosso	O colonialismo e as intersecções de opressão à mulher negra
10h15	Isaac Ferraz	Corpos capturados e mobilidade urbana: uma relação que “encapsula”

10h30: INTERVALO

MESA 2 – EXISTÊNCIAS

10h45	João Roque da Silva Júnior	Indústrias criativas e culturais na agenda da integração regional
11h	Henry Alexandre Durante Machado	Por um conceito decolonial de cultura
11h15	Maria Bernadete Toneto	Decolonialidade da cultura e feminismo comunitário latino-americano no século XXI
11h30	Keli Rocha Silva Mota	Memórias de mulheres em tempos de golpe: 2016
11h45	Eliane de Souza Almeida	Teatro em Negro e Branco: a parceria de Abdias do Nascimento e Augusto Boal
12H	Eliete Barbosa	Representação social de mulheres negras das periferias de São Paulo e apropriações das políticas públicas

12h15: COMENTÁRIOS COM O DEBATEDOR
13h: ALMOÇO

MESA 3 – RESISTÊNCIAS

14h30	Tadeu Augusto Matheus	A imprensa negra na década de 1930: Um instrumento de mobilização e organização étnico-social
14h45	Maria Eugenia Augusto Gregório	Condições de saúde mental dos secundaristas em luta: os casos de Santiago e de São Paulo
15h	Joselicio Freitas dos Santos Junior	Dinâmicas e ações políticas e culturais da comunidade negra na periferia de São Paulo
15h15	Tâmara Pacheco	Existir para resistir: espaços de sociabilidades em territórios periféricos na luta contra o genocídio da juventude negra
15h30	Fernanda da Silva Chagas	Núcleo impulsor de São Paulo para a marcha nacional de mulheres negras: um estudo sobre participação política
15h45	Maria da Glória Calado	Mobilização de Mães na Zona Leste de São Paulo: Primeiras Impressões, Potencialidades e Desafios
16h	Juliana Salles de Souza	Educomunicação popular e periférica: ações pelo reconhecimento institucional, social, político, social e cultural dos territórios
16h15	Maira Carvalho de Moraes	Produção historiográfica sobre a Grande São Paulo e documentação: Comunicação e historiografia como ferramentas de socialização e educação de história urbana
16h30	Andrea Rosendo da Silva	Diálogos entre epistemologias do norte e do sul global e epistemologia decolonial: reflexões sobre relações de gênero e teoria do feminismo negro

16h45: COMENTÁRIO COM O DEBATEDOR
17h15: AVALIAÇÃO DO COLÓQUIO
17h30: ENCERRAMENTO

Indústrias criativas e culturais na agenda da integração regional

O objetivo do presente artigo é discutir o papel atribuído à cultura em propostas e programas de integração regional. Primeiramente, faz-se uma abordagem histórica dessas propostas e programas, com ênfase nos desdobramentos a partir da criação do Mercosul Cultural, em 1996. Em seguida, por meio de quatro aspectos, argumenta-se sobre a pertinência em considerar a cultura como um dos valores fundamentais para a região, ao lado da autonomia, do desenvolvimento econômico e da defesa dos recursos naturais. Para isso, propõe-se que existe um processo cultural comum que marca a região, que a cultura é indissociável do desenvolvimento econômico, que a cultura é imprescindível na ampliação da vida democrática e que cultura é tanto um espaço como um meio por onde se performatizam as divergências e convergências políticas e identitárias.

Palavras-chave: integração, cultura, indústrias criativas e culturais

Autor: João Roque da Silva Júnior
Email: joaoroquer@gmail.com

A imprensa negra na década de 1930: Um instrumento de mobilização e organização étnico-social

Esse estudo pretende compreender a utilização da imprensa negra, com um recorte nos jornais da Frente Negra Brasileira na década de 1930, utilizavam de suas publicações para articular a organização étnico-social da população negra na cidade de São Paulo.

Palavras-chave: Imprensa, organização, étnico-social

Autor: Tadeu Augusto Matheus
Email: kaculasp@gmail.com

Por um conceito decolonial de cultura

Na contemporaneidade, são evidentes as limitações da utilização do conceito de cultura enquanto resultado da narrativa constitutiva da modernidade, construído a partir da clássica separação entre natureza e trabalho, dado mostrar-se como reducionismo frente ao processo de exclusão inerente à esta narrativa no tocante à diferença de modos de sentir, de pensar e de fazer encontrados no conjunto das “culturas” existentes, incluindo-se aí visões de mundo e de homem tão diversas quanto a diversidade de povos e sociedades. O advento da modernidade, compreendida aqui sob a perspectiva decolonial, ou seja, enquanto narrativa eurocêntrica que configura o que Wallerstein denomina de “sistema-mundo” e Lander (2000: 1) de “mundo moderno-colonial”, assim como dirá Quijano, instaura “um outro lugar subalterno”. Neste artigo temos como objetivo discutir o caráter instrumental do conceito de cultura moderno-colonial, analisando seu papel na construção da narrativa da modernidade e procurando analisar criticamente a utilização das categorias de análise “ocidentais” das políticas públicas de cultura no tocante às políticas públicas específicas para povos e comunidades das chamadas culturas de tradição oral.

Palavras-chave: Cultura, natureza, descolonização

Autor: Henry Alexandre Durante Machado
Email: henrydurante@gmail.com

Condições de saúde mental dos secundaristas em luta: os casos de Santiago e de São Paulo

O presente artigo tem por objetivo analisar as estratégias de resistência construídas pelos secundaristas de Santiago e de São Paulo que contribuíram para viabilizar saúde mental aos jovens. Nossa hipótese de que a saúde mental se deu a partir da participação nas construções coletivas dos espaços de produção de sentidos, como nos momentos de lazer, de produção de conhecimento e de comunicação com os mais diferenciados grupos.

A metodologia utilizada será uma pesquisa bibliográfica de artigos científicos na base de dados Scielo sobre o movimento secundarista seguida da Análise de Conteúdo e relacionada a nossas referências, a saber: colonialidade do poder, ser e saber, de promoção de saúde e o duplo papel da escola: como espaço de opressão e de resistência.

Palavras-chave: capitalismo; educação; saúde mental

Autor: Maria Eugenia Augusto Gregório
Email: eugenia.gregorio@usp.br

Decolonialidade da cultura e feminismo comunitário latino-americano no século XXI

Na etapa pós-neoliberal do capitalismo, na América Latina cresce vertiginosa e sistematicamente a violência contra as mulheres. Em resposta à exclusão que tem origem em práticas consolidadas pelo sistema patriarcal, os movimentos feministas se articulam de forma específica, transversal, horizontal e interseccionalmente, e ocupam a arena pública a partir de articulação multifacetada e da valorização da cultura do comunitário e de partilha de conhecimento. Neste sentido, revela-se a importância da cultura do feminino como instrumento de reavaliação das contradições dos modelos de ser e estar no mundo, com impactos no reconhecimento da identidade do ser mulher. Parte-se do princípio de que na América Latina o feminismo, mais do que um sistema simbólico que reúne um conjunto de ações estruturadas e estruturantes de caráter de gênero/sexo, por meio de intrincado sistema cultural tem papel fundamental na desconstrução dos processos de violência, exploração e dominação, dado ser uma categoria a ser inserida no movimento de decolonialidade do poder, do saber e do ser, conforme Aníbal Quijano e Walter Dignolo. O trabalho apresenta como objetivo abordar o feminismo latino-americano sob a perspectiva das vivências comunitárias, buscando contribuir para o entendimento da cultura cotidiana como instrumento de combate à violência e como um novo eixo do movimento de decolonialidade do poder. Para isso, realiza-se uma revisão bibliográfica sobre as identidades culturais latino-americanas, relacionando-as e confrontando-as à classificação dos eixos de resistência delimitados pelos estudos decoloniais do poder e o feminismo decolonial na América Latina.

Palavras-chave: Feminismo comunitário, Estudos decoloniais, Feminismo na América Latina

Autor: Maria Bernardete Toneto
Email: bernatoneto@gmail.com

Dinâmicas e ações políticas e culturais da comunidade negra na periferia de São Paulo

Olhar e compreender a realidade a partir das suas múltiplas determinações sejam elas econômicas, sociais, culturais e ideológicas e observar as dinâmicas construídas pelos grupos subalternizados, particularmente a comunidade negra, de contraposição a opressão imposta pela estrutura capitalista no Brasil e mais especificamente na cidade de São Paulo é o desafio traçado por esse projeto. Observar a dinâmica de coletivos culturais periféricos, especialmente os Slam's (batalha

RESUMOS

de versos), que vem se consolidando como uma expressão cultural relevante e mobilizadora de uma juventude negra e periférica, analisando as suas formas de acolhimento, interação, sociabilidade, formas de organização, sua ação política e cultural e a interação com a realidade e, por fim, os discursos e narrativas, conformam o escopo da pesquisa. Compreendemos os Slam's como uma expressão cultural autêntica e inerente às múltiplas determinações do seu tempo histórico, expressão das dinâmicas e anseios que permeiam a sociedade contemporânea e as profundas transformações que passa a reprodução do capitalismo no mundo como: avanço tecnológico, a sociedade em rede, a financeirização, as questões ambientais o aumento da concentração da riqueza, a mudança no mundo do trabalho, a violência, o debate ideológico são alguns elementos que permeiam a vida cotidiana. Porém, isso não significa abrir mão de uma análise histórica das heranças culturais que são bases fundantes dessa expressão cultural contemporânea.

Palavras-chave: Cultura Periférica, práxis negra, aquilombamento

Autor: Joselicio Freitas dos Santos Junior
Email: joselicio.junior@gmail.com

Discurso de Ódio e Internet: Considerações a Partir De Uma Análise Comparativa Entre Interações No Youtube e Instagram

O Brasil é um dos países mais perigosos do mundo para pessoas que não seguem o padrão hétero-cirgerêro. A ameaça se estende para o ambiente digital. Desta forma, faz-se relevante analisar como se dá o discurso de ódio nesses ambientes, principalmente quando voltado a grupos socialmente vulneráveis. Estudamos a interação entre internautas que realizaram comentários num vídeo protagonizado por Thiessa Woinbackk, uma mulher trans que mantém um canal no Youtube, assim como uma conta no Instagram. Portanto, foi pertinente observar as reações dos seguidores a uma postagem realizada por ela no mesmo dia em que o vídeo foi ao ar. Posteriormente, os resultados foram submetidos à uma análise comparativa. Aplicamos observação etnográfica mediada por computador, ancorada por bibliografia apropriada, para entender a interação entre internautas no ambiente online estabelecido no Youtube e no Instagram. A fim de compreender a relação do discurso de ódio e grupos vulneráveis, especialmente quando o alvo é a população transgênera, consideramos autores como Djamila Ribeiro (2017), Thiago Oliva (2015), Edith Modesto (2013), bem como os trabalhos desenvolvidos por Recuero e Soares (2013), Dantas e Neto (2015), que nos proporcionaram lições sobre “violência” e “violência simbólica”.

Palavras-chave: discurso de ódio, ambiente digital, violência simbólica

Autor: Arthur Ferreira Sampaio Luz
Email: arthur.sampaio92@gmail.com

RESUMOS

Existir para resistir: espaços de sociabilidades em territórios periféricos na luta contra o genocídio da juventude negra

No cenário de guerra ou estado de sítio permanente, moradores de bairros periféricos da cidade de São Paulo constroem espaços de sociabilidade e adotam a principal pauta da luta antirracista na denúncia contra o genocídio da juventude negra. Do lugar em que suas vidas são negadas, conhecimentos por eles produzidos ultrapassam processos de apagamentos e silenciamentos, quando no limite da existência decodificam uma realidade de opressões. Da condição de oprimidos, partem da carência de direitos políticos e civis para ações alternativas de sobrevivência e reivindicações. Numa democracia que nunca se consolidou no Brasil, apontam perspectivas para uma construção plena. Analisar as elaborações históricas desses sujeitos ultrapassam construções de subjetividades e identitárias quando se contempla elementos de humanização em uma dinâmica comunitária. Isso se torna essencial nos processos de autonomia e de descolonização. Faz-se então necessário trazer aspectos das categorias de colonialismo e raça como eixos centrais de classificação do poder soberano, para entender as dinâmicas da violência sistêmica do estado e sua superação.

Palavras-chave: genocídio; território periférico e juventude

Autor: Tâmara Pacheco

Email: tamarabeniciopacheco@gmail.com

Memórias de mulheres em tempos de golpe: 2016

O golpe parlamentar de 2016, que destituiu a presidenta eleita Dilma Rousseff, não só atingiu a representação simbólica institucional da mulher no poder, como os processos de políticas públicas voltadas para mulheres - sobretudo - negras em espaços periféricos. Em outras palavras, pode-se afirmar que, a pequena ascensão feminina em espaços decisórios e econômica de base gerou uma insatisfação da extrema direita, culminando em um golpe patriarcal - mediado pelo parlamentarismo, capitalismo financeiro e pela mídia. Este artigo pretende resgatar a história oral de representantes públicas que experimentaram e interpretam esse cenário político atual, levando-se em consideração a perspectiva interseccional de gênero, étnico-racial e classe social. Nesse sentido, pretende-se

RESUMOS

entrevistar as personalidades Amélia Teles, Dilma Rousseff, Eleonora Menicucci, Talíria Petrone, Matilde Ribeiro e Sueli Carneiro para compreender de que forma essas agendas feministas - com suas possibilidades e potencialidades - são tocadas no conjunto social, e como a articulação sexista desmontam políticas de direitos civis, sociais e trabalhistas infimamente conquistados.

Palavras-chave: golpe, patriarcalismo, feministas

Autor: Keli Rocha Silva Mota
Email: ks.rocha@gmail.com

Núcleo impulsor de São Paulo para a marcha nacional de mulheres negras: um estudo sobre participação política

O presente trabalho tem como objetivo identificar as formas e as características da participação política de mulheres negras a partir das participantes da Marcha das Mulheres Negras, cuja manifestação ocorreu em Brasília/DF no ano de 2015 e contou com aproximadamente 50 mil mulheres das diversas regiões brasileiras. A participação de mulheres em movimentos e organizações sociais não se configura como algo novo, contudo nem sempre elas possuem a visibilidade e o protagonismo nesses espaços. Esta investigação centrará sua análise na participação de mulheres negras da cidade de São Paulo/SP que contribuíram na construção da marcha nacional de mulheres negras. A pesquisa está sendo realizada a partir de um estudo qualitativo, que visa destacar e compreender quais as peculiaridades das formas de participação existentes no fazer político das mulheres negras em questão. Para embasar teoricamente a investigação buscamos referenciais existentes nas ciências sociais, centrando em autores como Clovis Moura, Lélia Gonzales, Anibal Quijano, entre outros. Discutimos aqui as noções de: movimento de mulheres, mulheres negras e participação política, bem como, colonialismo, escravismo, capitalismo e Estado. A pesquisa em desenvolvimento tem um cunho qualitativo, assim estão sendo aplicados questionários com perguntas estruturadas e semi-estruturadas com mulheres negras que tenham participado do núcleo impulsor de São Paulo para a participação da Marcha das Mulheres Negras nacional.

Palavras-chave: mulheres negras, participação política, movimento de mulheres negras

Autor: Fernanda da Silva Chagas
Email: fernandachagas@usp.br

Teatro em Negro e Branco: a parceria de Abdias do Nascimento e Augusto Boal

Dois personagens da história do teatro político brasileiro tiveram suas vidas cruzadas. A historiografia oficial do teatro nacional nem sequer comenta tal parceria. Falamos da relação estreita entre Abdias do Nascimento, criador do Teatro Experimental do Negro, e do dramaturgo Augusto Boal, criador do Teatro do Oprimido. Este artigo pretende apresentar como se deu essa proximidade e como os dispositivos de silenciamento funcionaram para que essa relação se mantivesse invisibilizada.

Palavras-chave: Abdias do Nascimento, Augusto Boal, Silenciamento

Autor: Eliane de Souza Almeida
Email: ms.elianealmeida@gmail.com

Mobilização de Mães na Zona Leste de São Paulo: Primeiras Impressões, Potencialidades e Desafios

No âmbito da luta contra a violência policial, na América Latina, movimentos sociais são compostos por mães que perderam seus filhos em decorrência de casos de letalidade policial e reivindicam punição para os culpados pelas mortes dos filhos e reconhecimento de que os filhos não são dados, mas sim têm uma história de vida por meio do resgate da trajetória das vítimas da letalidade policial. Há ainda movimentos nos quais familiares buscam justiça e dignidade no tratamento a parentes encarcerados. Em tal contexto, quais são as potencialidades e desafios dos movimentos de mães na Zona Leste de São Paulo? Para responder à pergunta, este trabalho teve o objetivo de observar a organização de movimentos de mães dessa região paulistana. Utiliza-se a observação participante e a pesquisa documental sobre os movimentos “Mães em Luto da Zona Leste” e “Grupo das familiares”. As mulheres do grupo das familiares, tais como as do grupo de mães em luto, têm em comum a tríade dor, sofrimento e humilhação como combustível para arregimentar forças na busca pela luta dos direitos sociais, por meio da construção de uma outra narrativa alicerçada na conquista de direitos e na possibilidade de serem reconhecidas como sujeitos capazes de reescreverem suas histórias. Infere-se que um diálogo de saberes entre movimentos e academia, bem como o incentivo à formação política das mães envolvidas em tais mobilizações são fatores que podem potencializar a atuação e o alcance desses movimentos.

Palavras-chave: genocídio; encarceramento; movimentos sociais.

Autor: Maria da Glória Calado
Email: professoramgloria@gmail.com

Educomunicação popular e periférica: ações pelo reconhecimento institucional, social, político, social e cultural dos territórios

A educomunicação popular e periférica pode ser descrita como um processo corrido no âmbito de coletivos de comunicação que envolve sujeitos mediatizados por cotidianidades periféricas, em atividades de reflexão crítica, que problematizam vivências, observações e investigações em tais espaços. Expressa por meio de textos, fotos, vídeos, memes e outras formas, a educomunicação popular e periférica privilegia processos em comparação com os produtos e rejeita visões adultocêntricas ao entender, de forma prática, a inconclusão ontológica do ser humano, estabelece diálogos de saberes com diferentes atores sociais. Nesse contexto, de que maneiras esse tipo de educomunicação contribui para o reconhecimento dos territórios periféricos? Desse modo, o objetivo deste trabalho é verificar as ações de coletivos de comunicação que visam ao reconhecimento institucional, social, político, social e cultural de tais territórios. A investigação foi desenvolvida por meio de um estudo de caso comparativo entre processos educacionais em coletivos de comunicação de São Paulo (Brasil) e Medellín (Colômbia). O corpus de pesquisa foi composto pelos processos Repórter da Quebrada, Você, Repórter da Periferia, Escuela de Comunicación Comunitaria e Revelando Barrios. Observou-se que a educomunicação popular e periférica proporciona, entre outros itens, percorrer territórios periféricos variados – legitimados ou não pelo poder público - para a realização de processos educacionais, reconhecer e potencializar saberes das periferias, fortalecer o pertencimento às periferias, bem como formar multiplicadores críticos por meio da produção compartilhada de saberes e da preocupação com a informação e formação do sujeito periférico.

Palavras-chave: educação popular, educomunicação, periferia

Autor: Juliana Salles de Souza
Email: jusalles94@gmail.com

RESUMOS

Necropolítica, racismo e desigualdade territorial no distrito do Jardim Ângela

O desenvolvimento urbano do município de São Paulo foi realizado de forma estruturalmente racista e, racionalmente, proliferou zonas de de altíssima vulnerabilidade social. Entre esses lugares está o Jardim Ângela, uma região localizada no extremo sul da Zona Sul da cidade, esse território desde sempre ostentou altíssimas taxas de violência e uma alarmante taxa de mortalidade. Essas múltiplas desregularidades são resultados de uma Necropolítica, uma política administrativa de morte que em seu horizonte extermina, principalmente, os moradores desse distrito, corpos negros em constante estado de exceção e em condição de absoluta matabilidade.

Palavras-chave: Necropolítica; racismo; periferia

Autor: Denis de Paula carvalho Martins
Email: martins.83@usp.br

Quando a mídia hegemônica é quem define nossos lugares de fala

Na abertura do artigo Nossos feminismos revisitados, a autora, a socióloga e ativista negra brasileira, Luiza Bairros, faz referência a um quadro de tv de culinária onde a chef, uma mulher branca, é auxiliada por uma jovem negra, com cabelos trançados, que se manteve, em todo o programa, calada, só recebendo ordens da tal chef. A referência de Bairros me motivou a refletir sobre os 'sutis' mecanismos de retulização das práticas racistas na modernidade/colonialidade dos meios de comunicação, neste caso, no Brasil. O poder dos meios hegemônicos é capaz de deslocar as mulheres negras do seu suposto lugar social, a cozinha, para um nível hierárquico mais abaixo: o de 'auxiliar' de cozinha (que não exige fala, só obediência). O exemplo serve para reforçarmos o pensamento afrodiasporico de mulheres negras, formulando propostas para o campo da Comunicação a partir das ideias de Collins, autoavaliação e autodefinição, de Gonzalez, amefricanizaçã, de Alzaldúa, mestiza, de Curriel, 'latino americanismo' e, ainda, com o apoio teórico de Spivak, Kilomba e Braga sobre lugar de fala. Esse artigo contribui como uma contra-proposta às regras estabelecidas e ainda rotineiras na mídia hegemônica e eurocêntrica brasileira pois sugere lugares de falas e narrativas de nós mulheres negras alternativos, despidas de racismos, esteriótipos e representações negativas.

Palavras-chave: Midia, lugar de dala, racismo, mulher negra

Autor: Céres Marisa Silva dos Santos
Email: ceresantos3@gmail.com

O colonialismo e as intersecções de opressão à mulher negra

O sistema de poder inaugurado com o capitalismo tem como base a intersecção de opressões raciais, de gênero, classificação social, entre outros. Dentro desse sistema de opressão, as mulheres negras sofrem uma tripla discriminação.

Palavras-chave: Racismo, Interseccional, Mulher Negra

Autor: Tatiana Cavalcante de Oliveira Botosso
Email: tatimidia@usp.br

Produção historiográfica sobre a Grande São Paulo e documentação: Comunicação e historiografia como ferramentas de socialização e educação de história urbana

A produção historiográfica dos municípios da região da Grande São Paulo é relativamente escassa em relação aos estudos da cidade de São Paulo. Especialmente, a produção historiográfica que relaciona locais urbanos periféricos, que carecem de documentação legalizada, e dificulta o conhecimento da história da cidade e também a problematização das questões sociais e urbanas desse espaço. Esse artigo pretende inferir sobre como a produção historiográfica pode utilizar diversas ferramentas da comunicação, como fotografias, depoimentos, vídeos, blogs, animações e mesmo as páginas das redes sociais, para compor uma historiografia urbana que auxilia na compreensão dos processos de desenvolvimento da cidade. Desse modo, apesar de leigamente estarem distantes, tecnologia e historicidade podem auxiliar na socialização do conhecimento das cidades, que carecem de documentação sobre certas áreas, como na área educativa. As diversas vozes que compõe esse espaço, de moradores, atores de movimentos sociais, atores institucionais do Estado, iniciativa privada, compõe esse mosaico complexo da expansão urbana das cidades. E as ferramentas tecnológicas são de grande auxílio na divulgação e apreensão dessa historicidade ainda pouco conhecida.

Palavras-chave: Movimentos de moradia, Regulação híbrida do Direito, Regulamentação fundiária

Autor: Maira Carvalho de Moraes
Email: mairacmoraes@gmail.com

Representação social de mulheres negras das periferias de São Paulo e apropriações das políticas públicas

Neste artigo iremos abordar os movimentos, o ativismo de mulheres como lideranças de movimentos sociais e movimento feminista com um recorte das mulheres negras; que atuam e atuaram nas periferias de São Paulo, para conquistar direitos básicos, como as políticas públicas e políticas sociais. Neste artigo ficam pontos que devem ser abordados, pontos importantes que merecem ser refletidas, um deles se refere a situação de que a participação política destas mulheres, que são construída a partir do lugar imposto, pela opressão interseccional. O conceito de "interseccionalidade" é o que esta abordando metodologicamente a questão das matrizes de opressões que a mulher negra sofre, assim, a somatória das opressões de gênero, raça e classe serão especificadas para tratar do lugar determinado a mulher negra.

Na medida em que a feminização da pobreza atingem as mulheres de periferias, a necessidade de políticas pública e políticas sociais ficam mais imprescindíveis para o contexto cotidianos, pois a nova configuração familiar monoparental, as mulheres são as chefes de família; este novo contexto faz esta mulher ter um novo comportamento diante das políticas públicas.

Palavras-chave: Racismo, Interseccional, Mulher Negra, políticas públicas e movimento sociais

Autor: Eliete Barbosa

Email: elieteedwiges@hotmail.com

Diálogos entre epistemologias do norte e do sul global e epistemologia decolonial: reflexões sobre relações de gênero e teoria do feminismo negro

Este trabalho versa sobre a discussão das relações de gênero atravessadas por diferentes epistemologias. O pensamento eurocentrado foi convocado para repensar o projeto intelectual denominado pensamento pós-colonial, o qual faz referência à organização do conhecimento - por regiões de poder e regiões subalternas (nações do terceiro mundo). As perspectivas dos estudos levantados e problematizados por teóricos como Frantz Fanon, Stuart Hall, Gayatri Spivak, entre outros estavam baseadas em três principais eixos: orientação sistêmica/construtivista; estudos culturais e paradigma da modernidade/colonialidade. Estudos Culturais, Estudos da Subalternidade e Epistemologias do Sul, esta última proposta por Boaventura de Souza Santos, são formulações

RESUMOS

acadêmicas acionadas para refletir sobre epistemologias para além da Europa. Entretanto, como defendem muitos teóricos da decoloniedade, os estudos sobre o Pós-colonialismo não propõem uma descolonização e tampouco reflete sobre pensamento e epistemologias próprias dos povos a quem classificavam como subalternizados. As epistemologias produzidas pelos cinco centros de poder epistêmicos, como apontou Ramon Grosfoguel, ainda se mantêm são referências para a formação acadêmica em Ciências Sociais em várias partes do mundo. A orientação desse trabalho é mostrar que todas as contribuições epistemológicas são válidas, mas um deslocamento é necessário para pensar as epistemologias produzidas por sujeitos silenciados e interditados pelas diferentes racionalidades da produção de conhecimento. As investigações das mulheres negras e não negras para o pensamento decolonial são necessárias para a sociedade pelas teorias formuladas, pois tentam interpretar e enquadrar as injustiças sociais e os sujeitos das injustiças sociais.

Palavras-chave: Relações de gênero, epistemologias decoloniais, epistemicídios

Nome: Andrea Rosendo da Silva
Email: andrearosendo@usp.br

Corpos capturados e mobilidade urbana: uma relação que “encapsula”

A análise se propõe fundamentar na autora Judith Butler, uma linha cerne para a construção de um raciocínio que apresente o corpo inserido num espaço urbano que o “encapsula”. Uma discussão permeada por um contexto que salienta uma modernidade saturada, projetando populações que habitam às margens da sociedade brasileira. A questão da mobilidade urbana sendo evidenciada na sua incapacidade de lidar com os problemas na sua real complexidade, arraigando assim na construção de um cotidiano deficitário para que se procedam os devidos deslocamentos. As relações entre Estado e espaço urbano, desembocam na produção de cidades isentas de urbanismo, com investimentos públicos distribuídos de maneira não só desigual, mas, também, equivocados, numa construção que não contempla o seu maior aporte: a classe trabalhadora. O nosso anseio é trabalhar o ponto de vista normativo que permeia diante de tamanha perversidade, numa sociedade formada por indivíduos e indivíduos que formam a sociedade, e que, ao mesmo tempo, lida com a precariedade de uma camada que tem um grande dilema diário a ser preservado: a vida. Para tanto, é preciso discutir a ideia de visibilidade, afinal, estamos tratando de uma classe que não

RESUMOS

tem visibilidade necessária aos olhos, tanto do Estado quanto das classes superiores. É um cenário que viabiliza o enquadramento que tem, no espaço urbano, um potencializador da precariedade, ou seja, a localização da moradia, a imagem que o bairro projeta, por si só, já o estigmatiza enquanto morador dali: um “enquadramento urbano”. A dimensão de violência é no sentido amplo do seu significado, não se tratando apenas da compreensão óbvia da palavra, mas indo ao simbólico, ao humano. O resultado é a produção de uma autoflagelação – a pessoa se perde de si – e a violência ganha um tônus ainda maior: contra a própria existência. É um trabalho fundamentos em notáveis teóricos, porém, é na Butler que encontramos toda uma gama que fortifica uma angústia por responder o que leva uma determinada camada de pessoas a ter mais valor que outra, ao mesmo tempo em que se dá o anseio por responder como tamanho enquadramento se constrói e perdura por séculos de história.

Palavras-chave: Mobilidade Urbana, São Paulo, Judith Butler, Visibilidade, Violência

Autor: Isaac Ferraz

Email: isaacferraz.contato@gmail.com

Organização:



CELACC
Centro de Estudos
Latino-Americanos
sobre Cultura
e Comunicação



Instituto de
Estudos
Avançados da
Universidade de
São Paulo

Apoio:



Programa de Pós-Graduação em
**Mudança Social e
Participação Política**